

**A PROPOSTA METODOLÓGICA DE BEREDAY PARA A EDUCAÇÃO
COMPARADA: COMENTÁRIOS E POSSIBILIDADES**

**PROPUESTA METODOLÓGICA DE BEREDAY PARA LA EDUCACIÓN
COMPARATIVA: COMENTARIOS Y POSIBILIDADES**

**BEREDAY'S METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR COMPARATIVE EDUCATION;
COMMENTS AND POSSIBILITIES**

Beatriz Ribeiro PEIXOTO¹
Alexandre de Souza e SILVA²
Luciana Siqueira Rossetto SALOTTI³

RESUMO: A Educação Comparada é um método de estudo sobre sistemas nacionais educacionais surgindo no fim do século XVIII na Europa e chegando ao Brasil no fim do século XIX. O artigo a seguir tem como objetivo descrever as diferentes abordagens de alguns autores clássicos, e de alguns comentaristas da área, descrevendo as visões e as colaborações de todos eles para o melhor entendimento dos pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Comparada, assim como as diversas mudanças e influências na metodologia da pesquisa no campo dos estudos comparativos, em diferentes momentos da história. Nessa direção, o presente artigo aborda e discute a contribuição de Bereday, entendido como um dos principais autores da Educação Comparada; e de Bray e Thomaz, Nóvoa e Bonitatibus, como alguns dos mais estudados comentaristas de da metodologia da Educação Comparada, e as possíveis relações entre os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação comparada. Metodologia de pesquisa. Sistemas educativos.

RESUMEN: *RESUMEN: La Educación Comparada es un método de estudio de los sistemas educativos nacionales que surgieron a fines del siglo XVIII en Europa y llegaron a Brasil a fines del siglo XIX. El siguiente artículo tiene como objetivo describir los diferentes enfoques de algunos autores clásicos, y algunos comentaristas del área, describiendo las visiones y colaboraciones de todos ellos para una mejor comprensión de los principios teóricos y metodológicos de la Educación Comparada, así como los diversos cambios y influencias en la metodología de la investigación en el campo de los estudios comparados, en diferentes momentos de la historia. En esta dirección, este artículo aborda y discute el aporte de Bereday, entendido como uno de los principales autores de Educación Comparada; y Bray y Thomaz,*

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, – SP – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8882-6760>. E-mail: b.peixoto@unesp.br

² Centro Universitário de Itajubá (FEPI), Itajubá – MG – Brasil. Professor no Curso de Educação Física. Pós-doutor em Educação pela (UNESP) – Assis. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9603-7881>. E-mail: alexandre@fepi.br

³ Faculdade de Tecnologia de Assis “Prof. Dr. José Luiz Guimarães” (FATEC), Assis – SP – Brasil. Professora Doutora da FATEC – Assis. Membro do Grupo de Pesquisa COPPE. Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (PUC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5432-2553>. E-mail: lucianasrsalotti@gmail.com

Bonitatibus y Nóvoa, como algunos de los comentaristas más estudiados sobre la metodología de la Educación Comparada y las posibles relaciones entre ellos.

PALABRAS CLAVE: *Educación comparada. Metodología de la investigación. Sistemas educativos.*

ABSTRACT: *Comparative Education is a method of studying national educational systems arising at the end of the 18th century in Europe and arriving in Brazil at the end of the 19th century. The following article aims to describe the different approaches of some classical authors, and some commentators in the area, describing the views and collaborations of all of them for a better understanding of the theoretical and methodological elements of Comparative Education, as well as the various changes and influences on research methodology in the field of comparative studies, at different times in history. In this direction, this article approaches and discusses the contribution of Bereday, understood as one of the main authors of Comparative Education; and Bray and Thomaz, Nóvoa and Bonitatibus, as some of the most studied commentators on the methodology of Comparative Education, and the possible relationships between them.*

KEYWORDS: *Comparative education. Research methodology. Educational systems.*

Introdução

Segundo Lourenço Filho (2004) a Educação Comparada tem como objetivo o estudo dos sistemas nacionais educacionais, levando em conta peculiaridades de seus povos, culturas, economia e política, fazendo que a reflexão dos motivos nos quais aquele sistema é vinculado a um determinado local, vá além de algo imposto sem análise de todo contexto pertencente. Desta maneira, aprofundando a análise dos “porquês” e as influências que costumes, sociedade tem sobre a educação.

Bonitatibus (1989) define que Educação Comparada não é uma disciplina, mas sim uma área interdisciplinar que se propõe a investigar sistemas educacionais, em dimensões intra ou internacionais, no momento histórico físico, ou em movimento. A interdisciplinaridade é o ponto crucial da Educação Comparada, quando se analisa os sistemas educacionais ao mesmo tempo, especialmente quando nos propomos a procurar semelhanças e diferenças entre os mais diversos sistemas de ensino.

Essa autora considera que a Educação Comparada pode ser dividida em três dimensões, quer sejam, a dimensão temporal, espacial e a metodológica. Assim, a investigação começaria pelos sistemas educacionais em um tempo histórico fixo ou em movimento, seguiria para a investigação em nível intra ou internacional, e por fim, a investigação realizaria a sua parte

comparativa propriamente dita, ou seja, a análise e interpretação dos dados coletados em uma perspectiva de comparação.

A Educação Comparada, segundo Bonitatibus (1989), surgiu como um método assistemático e pré-científico com Marc-Antoine Julian. Neste momento inicial, as comparações aconteceriam de uma forma quase acidental, daí porque Bonitatibus o classifica como assistemático e pré-científico. Para essa autora,

A preocupação em nível nacional, bem como a tentativa de realizar estudos sistemáticos em Educação Comparada somente puderam surgir no momento que a Europa passou, em matéria de educação, do universalismo ao nacionalismo, isto é, pelo fim do século XVIII [...] (BONITATIBUS, p. 36, 1989).

Os estudos de Educação Comparada são relativamente recentes. As primeiras obras que poderiam ser consideradas de caráter científico surgem no final do século XIX, embora no século XVIII já existissem incidências sobre a mesma. Segundo Lourenço Filho (2004), há diversos fatores como linguagem e efeitos da comunicação em geral; as das condições racionais e irracionais das relações humanas; as da ação das instituições políticas, religiosas, estéticas, jurídicas e morais.

Segundo Lourenço Filho (2004) a Educação Comparada se propõe já partindo das formas institucionalizadas de ensino, se aprofundando nas análises desses processos, no contexto de vários grupos sociais e a integração deles na sociedade nacional. Ele frisa também a necessidade destes estudos em um mundo que possui uma crescente comunicação entre os povos. Assim como a relação dos sistemas educacionais com estrutura social do país analisado, reforça a ideia também de que a Educação Comparada tem caráter interdisciplinar.

Algumas dessas circunstâncias são de fácil caracterização. Decorrem do espaço do país, de sua geografia, da composição e distribuição da população respectiva, das ocupações a que se entreguem diferentes grupos, e, com isso, das formas primárias de agregação, cooperação e competição econômica. Outras, porém, ainda que em tudo isso se apoiem, não são de tão fácil discriminação. Dizem respeito aos costumes e tradições, desejos e aspirações de cada grupo, cada pequena comunidade, cada região. Referem-se aos modos de viver, de trabalhar, crer e esperar. No que possuem de comum, estabelecem sentimentos de comunidade, relações entre esses grupos, dando origem às formas de organização econômica, cívica, jurídica, religiosa, moral (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 18).

Lourenço Filho (2004) descreve que o papel da Educação Comparada não é fornecer soluções para todas as nações, precisando que cada uma seja analisada com suas especificidades. Com o que se descobre depois de um estudo não a verdade absoluta, mas

hipóteses e construções de modelos para ter uma melhor compreensão dos processos educacionais e as condições de suas institucionalizações, dando os contrapontos, contextualizando com a realidade local e maiores probabilidades de ganho.

No Brasil os primeiros movimentos da Educação Comparada se iniciaram em 1870 com Joaquim Teixeira Macedo, Manoel P. Frazão, Amélia Fernandes da Costa e Leopoldina Tavares Portocarrero que foram para outros países coletar informações. Voltando a entrar no foco novamente apenas em 1913 com publicações que tratavam da mesma. Em 1928 Antônio Teixeira ao retornar do exterior e realizar trabalhos na área, criou o primeiro curso sistemático em Educação Comparada (Lourenço Filho, 2004).

A Educação Comparada, segundo Lourenço Filho (2004), tem como objeto os sistemas nacionais de ensino, é preciso então que a parte descritiva destes seja bem explicada. Primeiramente, que cada um tenha o papel no sistema uma ação política-administrativa nas instituições no seu país de origem, ou seja, há uma função formal destes sistemas. Mas além disto, há o lado das situações concretas como a vivência nas escolas, professores, diretores e a instituição. Assim, esse autor, dá a entender que haveria uma divisão em parte teórica e a parte prática da pesquisa, explicitadas pela revisão bibliográfica (composta especialmente pela análise da legislação educacional de cada país) e a vivência nas escolas, respectivamente.

Nóvoa (2010) considera que a ideia da comparação se integrou na metodologia de várias disciplinas a partir da transição do século XVIII para o XIX, iniciada por Marc-Antonie Jullie. Com o passar dos anos, a Educação Comparada passa a fazer parte dos cursos de licenciaturas. Já no período posterior à Segunda Guerra Mundial, a demanda pela organização dos sistemas nacionais, por políticas educacionais abrangentes e pelo aumento da qualidade de ensino ofertada pelos países, ajuda, significativamente, à valorização (e à uma espécie de "renascer") da Educação Comparada.

Os estudos de Educação Comparada sofreram forte influência das ciências humanas em geral e especial influência das ciências sociais em particular, especialmente nas reflexões pedagógicas. Para Nóvoa (2010), os autores clássicos, como Bereday iniciaram seus estudos comparatistas em um universo até então positivista e de aproximações quantitativas, surgindo em um momento da história no qual a ideologia e os discursos técnicos influenciavam, sobremaneira, na percepção dos sistemas educacionais. A principal razão para que seja possível comparar, é a existência do outro, comparando dois ou mais, é possível colocar em prática.

O outro é a razão de ser da Educação Comparada: o outro que serve de modelo e referência, que legitima ações ou que impõe silêncios, que imita ou coloniza. A Educação Comparada faz parte de um campo de poderes dentro do qual se

organizam centros e periferias, constroem-se práticas discursivas que consagram sentidos e definem limites (NÓVOA, 2010, p. 24).

Bonitatibus (1989) ao explicar sobre a metodologia, divide em clássicas e recentes. Nos autores clássicos, como Bereday, utilizavam-se de interpretação histórico-filosófica, relacionando sociedade e escola, focando em analisar a sociedade em diversas dimensões, antes de analisar o sistema educacional propriamente dito. Já as consideradas modernas tendem a não analisar os sistemas educacionais como um todo, mas sim, em aspectos ou dimensões e função na sociedade global, em uma perspectiva mais funcionalista e depois marxista.

Quando Bonitatibus (1989) foca nos Sistemas de ensino, a mesma explica a importância dos estudos dos sistemas nacionais, assim como, neste modo os estudos comparativos em educação surgiram em um momento em que a Europa superou, na área de educação, o monopólio da igreja. Desta forma, a Educação Comparada surge como uma necessidade social.

Segundo Carvalho (2014), tradicionalmente os estudos de Educação Comparada tinham como objetivo analisar sistemas nacionais de educação no século XIX, mas com o passar dos anos isso vem se modificando.

A Educação Comparada foi marcada pelas questões sociais que foram se apresentando e pelas diferentes ênfases e perspectivas teóricas que dividiam os homens no enfrentamento dessas questões. Por isso, constituindo-se como um campo complexo, não só o objeto da Educação Comparada foi um tema recorrente em sua trajetória, mas também o foram seus enfoques e métodos (CARVALHO, 2014, p. 129).

Para Ferreira (2008) a Educação Comparada, sempre esteve vocacionada a compreender os sistemas educacionais. Entretanto, a Educação Comparada é um produto também da sociedade e da história, e vem evoluindo conforme a evolução humana e do saber. A comparação em educação, gera uma dinâmica que obriga a constatar semelhanças e diferenças, considerando o contexto social, político e econômico. Deste modo, o estudo das problemáticas estabelecidas pelos sistemas educacionais, precisam ter relação com o contexto e realidades de seus países.

Ferreira (2014) diz que a Educação Comparada tem, com o ato de comparar, a melhor forma de alcançar a verdadeira realidade educacional.

É a comparação que lhe confere singularidade e identidade e eleva a Educação Comparada à possibilidade de mostrar a complexidade e a multiplicidade do fenômeno educativo. Contudo, a comparação pode ser interpretada como meramente instrumental ou como um acto intelectual instigante que busca reconstruir a interpelação da educação a partir de questionamentos que são

proporcionados pela variedade das dinâmicas em causa (FERREIRA, 2014, p. 3).

Portanto, a Educação Comparada não é independente de mudanças pedagógicas e científicas, nem de políticas e de contexto social na qual é aplicada. Desta forma, com o passar do tempo, ela acaba se tornando mais necessária e utilizada para compreender as mudanças nos sistemas educacionais.

Após os anos 60 do século passado, outros questionamentos sobre as funções e finalidades da Educação Comparada tiveram novos desdobramentos. Nóvoa (2010) redefiniu esta fase em quatro pontos: a ideologia de progresso, um conceito de ciência, a ideia de Estado-Nação e a definição do método comparativo. A ideologia do progresso diz respeito à intencionalidade para a melhora dos sistemas educacionais. Já o conceito de ciência refere-se à uma ciência pós-moderna, preocupada em achar soluções científicas para além de uma visão singular, projetando opções para solucionar algo. Já a ideia dos Estados-Nação diz respeito às diferenças e similitudes entre dois ou mais países e, por último, a definição do método comparativo é o esforço dos comparativistas em provar, teórica e metodologicamente, que a pesquisa em Educação Comparada se diferencia, por seu método, objetos e objetivos, de outros tipos de pesquisas.

Já para Bray e Thomaz (1995), as pesquisas em Educação Comparada eram muito restritivas, e não exploravam os diversos aspectos das situações propostas para o exercício da comparação, o que os levaram a propor uma visão mais holística e multifacetada para a Educação Comparada. Assim, buscavam alcançar uma visão tanto macro quanto micro das comparações, e, tendo como objetivo principal, identificar o que comparar, situando no espaço e no tempo.

Georges Bereday (1972), no livro **Método Comparado em Educação**, propõe que a pesquisa comparativa se inicie pelo estudo de área ou estudo descritivo de uma dada região geográfica. Assim, de início, é preciso que haja familiaridade, senão completa pelo menos muito intensa, com o sistema de educação dessa área ou região. Estudar um só país, por simples que, à primeira vista possa parecer, torna-se uma tarefa significativamente complicada quando pretendemos compará-lo com outro(s) país(es) (BEREDAY, 1972, p. 38).

Assim, nosso objetivo no presente artigo foi o de discutir o método proposto por Bereday e também abordar alguns dos principais comentaristas da área de Educação Comparada, como, por exemplo, Nóvoa, Bray e Thomaz, Lourenço Filho e Bonitatibus, para identificarmos os possíveis pontos que podem contribuir para o entendimento correto, em particular da proposta de Bereday e, em geral, da área da Educação Comparada.

Descrição do Mapa da Educação Comparada

Para analisar a área da Educação Comparada, Nóvoa (2010) propõe um Mapa da Educação Comparada. Nesse mapa, tendo como referências, por um lado, as *abordagens descritivas* em contraposição às *abordagens conflitivas*, e, por outro lado, as *teorias do consenso* em contraposição às *teorias do conflito*, esse autor insere, no seu entendimento, os principais estudiosos de Educação Comparada, classificando-os em grupos, os quais (esses grupos), Nóvoa denomina de configurações.

A configuração A é denominada por Nóvoa como “perspectivas historicistas”, a qual tinha como objetivo, descrever sistemas educativos estrangeiros e comparar com o país de origem, tentando compreender as relações de ordem social e política que justifiquem o modelo de educação utilizado.

A configuração B, nomeada pelo autor de "perspectivas positivistas", agrupa os autores cujos estudos de Educação Comparada possuem, segundo Nóvoa, uma abordagem positivista, entendida como o estudo de “leis gerais, objetivas e científicas a respeito do funcionamento e evolução dos sistemas educativos” (NÓVOA, 2010, p. 41), atribuindo à Educação a função de suporte e reprodução de estruturas sociais. A Educação Comparada, nessa perspectiva positivista, possui vínculo com uma literatura histórico-filosófica e transita na organização e tratamento de dados quantitativos. Os dados podem focar particularidades ou podem ser dados gerais dos sistemas pesquisados.

A configuração C, denominada de “perspectivas de modernização”, tem como foco classificação e tipologias para orientar as políticas educativas, tanto para os Estados nacionais, quanto para agências internacionais. Já a configuração D, nomeada por Nóvoa como “perspectivas de soluções de problemas”, entende a Educação Comparada como um importante instrumento de reforma na educação.

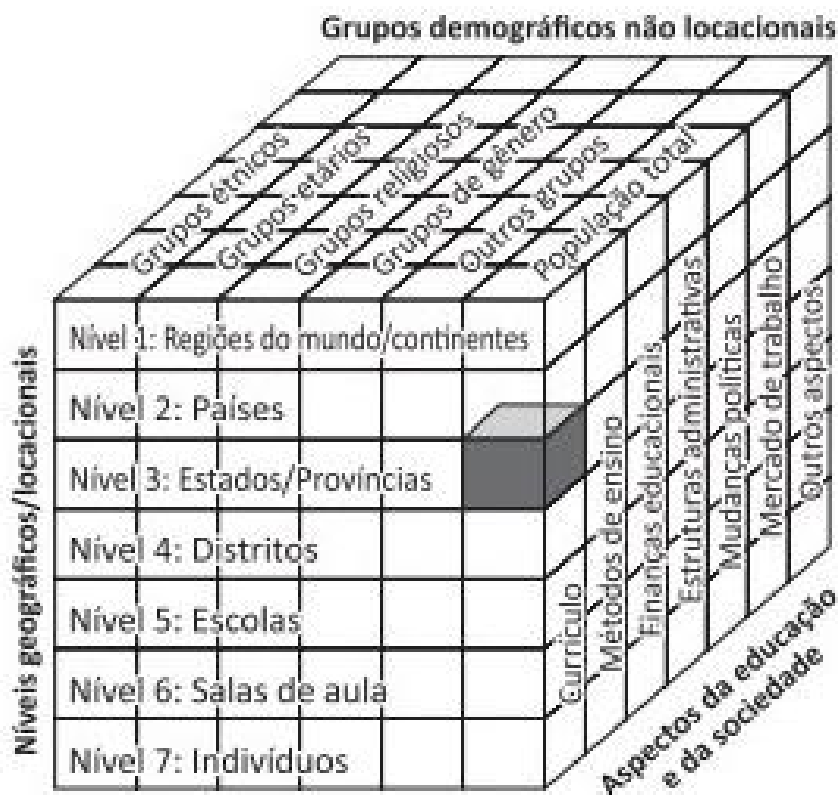
Configuração E, por sua vez, denominada de “perspectivas críticas” não tem o foco principal no sistema educacional ou em um problema específico, mas sim em promover mudanças e inovações. Já a configuração F, nomeada por Nóvoa como "perspectivas do sistema mundial", que, como a própria denominação indica, possui uma visão oposta às visões mais tradicionais da Educação Comparada, considerando a globalização um fator fundamental de análise dos processos educacionais. Para finalizar, Nóvoa (2010) apresenta a configuração G, denominada de “perspectivas sócio-históricas”, a qual procura analisar os fatos de um para o ponto de vista histórico e social, sob forte influência da relação espaço-tempo.

Descrição do Cubo de Bray e Thomaz

O cubo de Bray e Thomaz (1995), é dividido em três faces (ou dimensões) diferentes, sendo que cada uma dessas três faces se "estende" até a sua face diametralmente oposta, com o intuito de integrar as perspectivas internacionais e intranacionais na Educação Comparada. No nosso entendimento, o cubo proposto por esses autores nos ajuda muito na identificação dos objetos de comparação que integrarão o cerne (e definirão o objetivo) da pesquisa em Educação Comparada.

Na primeira face do cubo encontram-se os sete níveis geográficos ou de lugar para comparações: regiões mundiais/continentes, países, estados/províncias, distritos, escolas, salas de aula e indivíduos. Na segunda face do cubo encontram-se os grupos demográficos não vinculados a locais e consistem em grupos étnicos, etários, religiosos, de gênero, outros grupos e populações totais. A terceira dimensão do cubo é dedicada aos aspectos da educação e da sociedade e contempla itens como currículo, métodos de ensino e financiamento educacional.

Figura 1 – Cubo Bray e Thomas



Fonte: Bray e Thomas (1995, p. 475)

Modelo de Bereday para estudos em Educação Comparada

Podemos dizer, grosso modo, que até o aparecimento da proposta de Bereday (1972), mais ou menos na metade dos anos 60 do século XX, os estudos em Educação Comparada focaram, principalmente, nas comparações entre nações e algumas poucas pesquisas comparativas em nível intranacional. Essa situação era justificada por Bereday, basicamente por uma questão intelectual, na medida em que os "homens estudam [os] sistemas estrangeiros, simplesmente porque querem saber, porque sempre hão de sentir sede de esclarecimento" (BEREDAY, 1972, p. 31)

Para Bereday, os primeiros métodos de Educação Comparada surgiram no século XIX. Esse autor considera que, no primeiro momento, a Educação Comparada teve três fases: uma fase de "empréstimos", cujo foco era catalogar dados educacionais descritivos e transplantar as melhores práticas de um país para o outro; uma segunda fase, já no século XX, de "transplante" (ou "predição"), iniciada por Michael Sadler e que considerava que os sistemas educacionais não são de fácil separação, mas ligados intimamente com a sociedade que os sustentam, fazendo com que haja, sempre, uma relação recíproca entre sociedade e educação. Já a terceira fase, foi denominada por Bereday como a fase da "análise", cujos maiores representantes seriam Shneider, Kendel e Ulich, que a definiam como meio (e objetivo) de criar unidade no mundo.

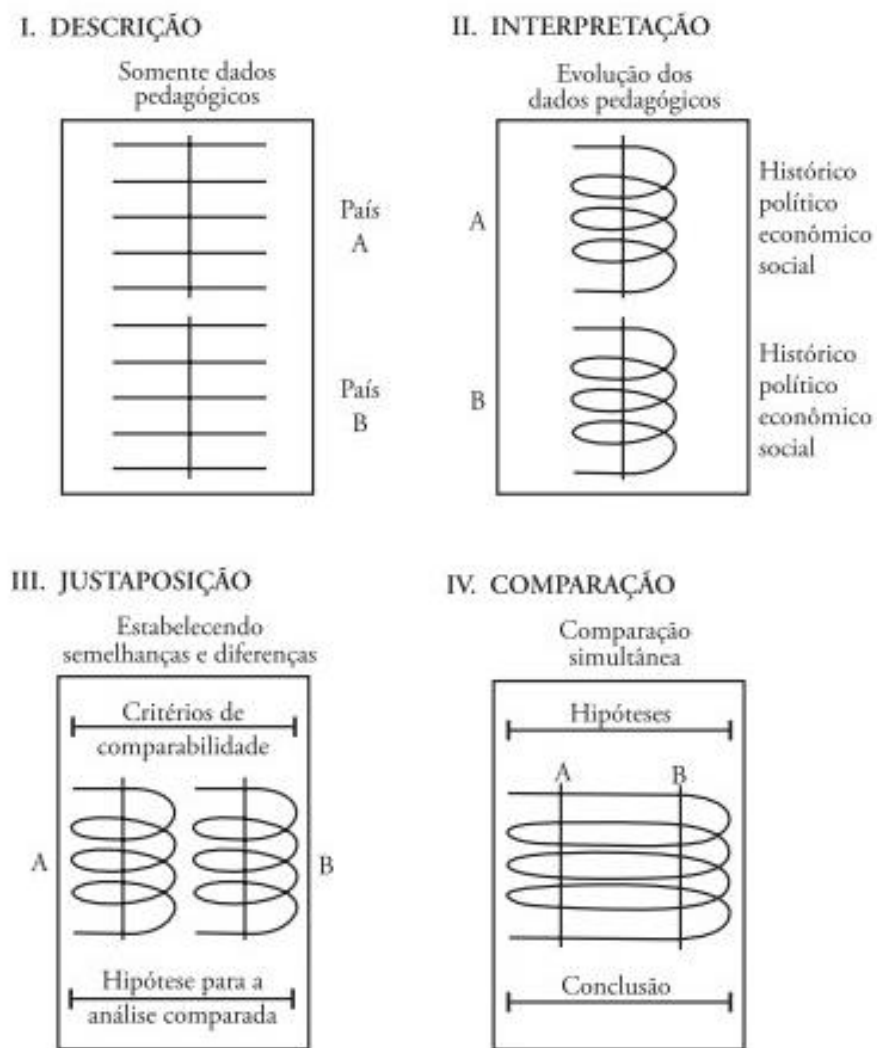
Bereday considera que essa última fase, a da "análise", coloca questões muito semelhantes com a fase da "predição" (no sentido de prescrição), e que a primeira fase, a fase dos "empréstimos" só é possível de ser verificada depois de uma mínima sistematização das práticas nacionais da educação. Porém, para Bray, Adamson e Mason (2015), nem todos os comparativistas concordavam com essa espécie de "classificação" proposta por Bereday.

Mesmo entre aqueles que eventualmente a aceitaram, nem todos estavam necessariamente convencidos de que as etapas fossem sequenciadas de tal forma que o período de predição seguisse e deslocasse o período de empréstimo e que, por sua vez, o período de análise seguisse e deslocasse o período de predição (BRAY; ADAMSON; MASON, 2015, p. 28).

Para além dessa classificação histórica elaborada por Bereday, o que consideramos mais importante de suas contribuições é o próprio método de realização de pesquisa em Educação Comparada. Porém, antes dos passos metodológicos, Bereday considerava que para a realização de uma boa pesquisa em Educação Comparada (e, nesse caso, também internacional), o pesquisador deveria possuir três atributos: viver um período significativo no país onde buscava a comparação, dominar o idioma desse país e despir-se de seus preconceitos, especialmente os preconceitos sociais e culturais.

A partir de então, caberia ao pesquisador fazer uso do método proposto por Bereday, o qual constituía em 4 (quatro) etapas, a saber: a descrição, a interpretação, a justaposição e a comparação propriamente dita, demonstradas graficamente na próxima ilustração (Figura 2). Faz-se necessário salientar que essa divisão em quatro etapas deve ser vista mais no sentido didático do que como etapas estanques de uma mesma pesquisa.

Figura 2 – Modelo de Bereday para a condução de estudos comparados



Fonte: Bereday (1964, p. 28)

Segundo Bereday (1972), o método da Educação Comparada segue a premissa que os fatos educacionais estão profundamente associados aos fatos sociais, ou seja, a realidade do país a ser analisada está intrinsecamente relacionada com a qualidade da educação desse mesmo país. Assim, Bereday considera que a pesquisa em Educação Comparada possui, necessariamente, uma visão interdisciplinar. Ao mesmo tempo, a “Educação Comparada é uma

geografia política das escolas. Sua tarefa, a cumprir com a ajuda de métodos de outras ciências, é procurar lições que podem ser deduzidas das variações da política educacional nas diferentes sociedades” (BEREDAY, 1972, p. 19).

Ainda segundo Bereday (1972), a Educação Comparada possui o objetivo de encontrar as diferenças e semelhanças entre os sistemas nacionais de educação, e, para isso, precisa ir além de fronteiras educacionais, sendo cada país uma variante de um total, podendo todos serem beneficiários de conclusões (e experiências) encontradas em outros países. Nesse sentido, e ainda segundo Bereday (1972), somente quando compreendemos o outro é que conseguimos nos compreender, com uma postura de observação menos etnocêntrica e levando-se em consideração a multiplicidade histórica e cultural dos povos.

Para Bereday (1972), quando o pesquisador se desprende de seus preconceitos e gostos pessoais, ele se torna imparcial, não afetando assim, o seu julgamento e a sua conseqüente análise dos dados coletados. Já após a coleta dos dados, é preciso organizar tais dados e saber o que fazer com eles. Bereday (1972) explica que os dados podem ser organizados em tabelas ou fazendo uso de outros métodos, por exemplo, os cartográficos.

A segunda etapa proposta por Bereday (1972) é a etapa interpretativa, ou o estudo interpretativo, na qual deve ser visualizada a história política, social e econômica dos países comparados. Para esse autor, a etapa da interpretação significa, primordialmente, "submeter os dados pedagógicos a exame minucioso em termos de outras ciências sociais” (BEREDAY, 1972, p. 48). Se fatos podem estar presentes na primeira etapa (descrição), é nessa segunda etapa que eles devem ser interpretados, com o auxílio das várias ciências sociais, visto que as interrelações entre a escola e sociedade são inúmeras.

A terceira etapa, a etapa da justaposição, possui o objetivo de estabelecer “o critério que permite uma comparação válida possa ser feita”, assim como o estabelecimento da hipótese da comparação (BEREDAY, 1972, p. 9), ou, em outras palavras, para que seja possível realizar uma comparação é necessário que, ao menos, haja fatores em comum. Ainda que aparentemente redundante, diríamos que só é possível comparar aquilo que é passível de comparação.

Bereday (1972) considera que a comparação se inicia de fato nesta etapa, pois é neste momento que se torna possível perceber conceitos e levantar as hipóteses. Utiliza-se os dados antes coletados, tais dados são confrontados com as temáticas abordadas, e assim iniciamos a busca dos traços menos comuns entre os sistemas comparados, ou seja, a busca pelas especificidades de cada sistema nacional de ensino.

A quarta e última etapa proposta por Bereday (1972) é a etapa da comparação propriamente dita. Essa etapa consiste na análise simultânea dos sistemas nacionais de ensino,

a partir dos dados coletados de cada um deles, da contextualização histórica, social, econômica e, principalmente, cultural dos mesmos, seguida da interpretação dos contextos (sistemas nacionais de ensino dos países) escolhidos, da justaposição desses dois (ou mais) contextos, resultando na avaliação, entendida essa avaliação como a identificação das similaridades e diferenças entre eles.

Assim, após a hipótese ter sido levantada na justaposição, a comparação entre os sistemas nacionais de ensino dos países escolhidos, ocorre agora de forma sequencial e simultânea. Segundo Bereday, este é o momento mais difícil, pois é o momento em que é preciso cruzar as informações, no sentido de que temos que abandonar nosso hábito de pensar em termos nacionais e passarmos a pensar em termos internacionais, cruzando e recruzando fronteiras (BEREDAY, 1972, p. 52).

Porém, ao mesmo tempo, essa última etapa, a etapa da comparação propriamente dita, também exige uma separação em duas partes, sendo a primeira a abordagem do problema e a segunda a abordagem da totalidade. Assim, uma primeira abordagem parcial é complementada por uma segunda abordagem mais global do problema (situação, contexto, etc). Parte-se de um ponto que o pesquisador considera como sendo importante e dele se examina a persistência e a variabilidade do mesmo em todos os outros sistemas utilizados pela pesquisa comparativa (BEREDAY, 1972).

Finalizando essa abordagem, vamos fazer uso de algumas considerações de Bonitatibus (1989). Essa autora considera que a proposta metodológica de Bereday permite que o mesmo seja considerado como um autor positivista, pois o mesmo foca o método da Educação Comparada (ou a importância da Educação Comparada) na análise dos problemas educacionais, que Bereday chamava de "enfoque de problemas". Bonitatibus, interpretando Bereday, explica essa ideia de "enfoque de problemas" da seguinte maneira:

Os problemas a serem investigados devem ser importantes e urgentes. Se bem que a questão de importância e urgência de um dado problema seja em si, uma questão subjetiva, o que Bereday propõem é que o problema seja escolhido de tal forma que o estudo nos permita ampliar nossos horizontes e conhecimentos de uma dada realidade educacional, oferecendo-nos informações consistentes e contribuindo para melhoria e aperfeiçoamento dos sistemas educacionais (BONITATIBUS, 1989, p. 64).

A mesma autora, Bonitatibus (1989), também considera que a proposta de Bereday (1972) possui um aspecto funcionalista no sentido de que os problemas educacionais, assim como a escola (entendida como uma instituição social) estão diretamente (e intrinsecamente)

relacionados com a sociedade na qual a própria escola está inserida, sociedade essa composta por diferentes camadas sociais.

Assim, a comparação (ou a pesquisa e os estudos em Educação Comparada) é a análise final, donde encontraremos (ou não) semelhanças e diferenças, ou aproximações e distanciamentos, entre os sistemas nacionais de ensino de diferentes países, elucidadas pelo “realçar dos dados educacionais previamente coletados e processados” (BEREDAY, 1972, p. 52).

Considerações finais

O presente artigo teve o objetivo de delinear o método de pesquisa em Educação Comparada proposto por George Bereday e explicitar algumas opiniões sobre o mesmo, partindo de alguns comentaristas como Nóvoa, Bray e Thomaz, Bonitatibus e Lourenço Filho, entre outros, por entendermos que todos esses autores podem contribuir para um melhor entendimento do que é a Educação Comparada e como realizar pesquisas e estudos comparativos na área da educação.

O mapa da Educação Comparada elaborado por Nóvoa (2010), tem como premissa fazer compreender as diversas tendências em momentos diferentes da história, contemplando em cada parte deste um conjunto de autores que colaboraram para aquele determinado período segundo a visão do próprio autor, assim como nos ajuda a situar (esse é o sentido do mapa) os principais autores e comentaristas de Educação Comparada do mundo contemporâneo.

O cubo de Bray e Thomaz (1995), por sua vez, ao estar separado em faces e níveis, facilita a busca dos objetos de pesquisa na Educação Comparada, assim como a validação dos mesmos, além de possibilitar (e visualizar) a comparação entre internacional (questões educacionais presentes em diversas nações) ou intranacional (questões educacionais internas de cada país).

Por fim, Bereday nos apresenta o seu método de pesquisa em Educação Comparada, dividido em quatro principais etapas: a descrição, a interpretação, a justaposição, e a comparação propriamente dita. Respeitando-se essas etapas, assim como despidendo-nos de nossos preconceitos, dominando diferentes idiomas e tendo a possibilidade de vivermos em outros países, estaremos, segundo Bereday (1964), prontos para realizarmos as mais variadas pesquisas na área da Educação, a partir da metodologia da Educação Comparada e Internacional, área academicamente tão rica quanto pouco explorada pelos intelectuais da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

- BEREDAY, G.Z. F. **Comparative method in education**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1964.
- BEREDAY, G. Z. F. **Método comparado de educação**. São Paulo: José de Sá Porto, 1972.
- BONITATIBUS, S. G. **Educação comparada**: conceito, evolução, métodos. São Paulo: Edusp, 1989.
- BRAY, M.; ADAMSON, B.; MASON, M. **Pesquisa em educação comparada**: abordagens e métodos. Brasília, DF: Liber Livro, 2015.
- BRAY, M.; THOMAS, M. Levels of comparison in educational studies: different insights from different literatures and the value of multilevel analyses. **Harvard Educational Review**, v. 65, n. 3, p. 472-490, 1995.
- CARVALHO, E. J. Estudos comparados em educação: novos enfoques teórico-metodológicos. **Acta Scientiarum. Education**, v. 36, n. 1, p. 129-141, 2014.
- FERREIRA, A. G. Os outros como condição de aprendizagem: desafios para uma abordagem sociodinâmica da educação comparada. **Educação**, v. 18, n. 3, p. 220-227, set./dez. 2014.
- FERREIRA, A. G. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. **Educação**, v. 31, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2764>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- LOURENÇO FILHO, M. B. **Educação comparada**. 3. ed. Brasília, DF: INEP/MEC, 2004.
- MANZON, M. Comparação entre lugares. *In*: BRAY, M.; ADAMSON, B.; MASON, M. (Orgs.). **Pesquisa em educação comparada**: abordagens e métodos. Trad. Martin Charles Nicholl. Brasília, DF: Liber Livro, 2015. p. 127-167.
- NÓVOA, A. Modelos de análise em educação comparada; o campo e o mapa. *In*: SOUZA, D. B.; MARTÍNEZ, S. A. (org.). **Educação comparada**: rotas além mar. São Paulo: Xamã, 2010. p. 23-63.

Como referenciar este artigo

PEIXOTO, B. R.; SILVA, A. S.; SALOTTI, L. S. R. A proposta metodológica de Bereday para a educação comparada: comentários e possibilidades. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. esp. 4, p. 1916-1930, dez. 2021. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v25iesp.4.15931>

Submetido em: 20/08/2021

Revisões requeridas em: 12/10/2021

Aprovado em: 15/11/2021

Publicado em: 08/12/2021